

RECENSÃO:

EBERSTADT, Mary; LAYDEN, Mary Anne. Os custos sociais da pornografia: oito descobertas que põem fim ao mito do “prazer inofensivo”. Trad. Priscila Catão. São Paulo: Quadrante, 2019.

Paulo Henrique Ribeiro dos Santos

Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: pauloribeiro@rmater.org.br

A presente obra é fruto de um trabalho de pesquisa de uma equipe multidisciplinar de profissionais (tanto da área médica, como das ciências humanas) encabeçados pela Prof^a. Mary Anne Layden, do Centro de Terapia Cognitiva da Universidade da Pensilvânia, e pela pesquisadora Mary Eberstadt, com o financiamento do Instituto Witherspoon (Princeton, Nova Jersey). Essa pesquisa analisou os problemas médico e social oriundos da pornografia, dentre vários outros que a mesma acarreta aos que estão lhe são adictos. É importante ressaltar o caráter leigo dessa obra, pois muitas vezes o discurso da Igreja Católica sobre a sexualidade (e sobre a pornografia) é visto como fruto de uma visão religiosa, considerada muitas vezes arcaica, fechada e tradicional, em comparação com os conceitos líquidos da liberdade individual e do pluralismo político do ambiente atual. No entanto, os resultados apresentados na presente obra corroboram com a verdade da fé cristã e incitam a repensar a falácia de que a pornografia é um “prazer inofensivo” tanto para os que a financiam e consomem, como para a sociedade da qual fazem parte: os resultados demonstram que dela decorre uma gama de efeitos prejudiciais às pessoas (de várias idades e ambos os sexos) que afetam não somente seus relacionamentos interpessoais em todos os níveis (familiar, comunitário, laboral), mas sua felicidade e bem estar.

A pornografia não é um fenômeno novo. Desde a antiguidade já há relatos de seu combate, seja no meio religioso judeu, cristão ou muçulmano, como também hoje no meio secular (vários relatórios e legislações nos

Estados Unidos, por exemplo). Mas na era atual, esse problema tem se agravado devido à facilidade de acesso ao material pornográfico, o teor e natureza *hardcore* (extremo) das imagens, e o aumento exponencial de seu consumo. Com a internet, houve uma facilidade de acesso aos conteúdos pornográficos. Isso somado a uma cultura que promove uma consciência moral e liberdade autônomas e autodeterminantes de qualquer valor religioso ou tradicional; uma visão libertária e sexualizante do corpo, na qual rejeita toda a espécie de limite; e uma valorização do sentimento em detrimento da verdade do ser, ocasionam um incentivo a produção e consumo desse material. Não se pode desconsiderar seu papel potencialmente viciante. Naturalmente o homem busca no exercício da sexualidade sua realização, sua felicidade. Essa tensão sexual (libido) vivida dentro de uma reta antropologia que vê o homem como realidade pessoal e na qual é respeitado por sua dignidade única, unido à dinâmica matrimonial (do amor-doação para que o outro encontre sua felicidade e realização), contribuem para a reta orientação da libido. Na pornografia, essa libido é orientada para uma busca sentimental e individual de prazer, muitas vezes instrumentalizando o outro e descaracterizando-o como pessoa, que pode levar a um comportamento compulsivo para satisfazer-se, inclusive em detrimento de outras atividades (deixar o trabalho, a família por momentos de acesso à pornografia). Sem contar que a pornografia permite uma desvinculação entre o ato sexual e a amor, que pode levar a uma dificuldade de viver uma relação estável na fidelidade a dois que o amor humano necessita (o grande custo social da pornografia).

Outro fator é que o acesso compulsivo desse material conduz a uma visão distorcida da realidade, seja na frequência das atividades sexuais, tamanho dos genitais, natureza e forma de se entender e chegar ao orgasmo, etc. A pornografia atuando no cérebro descompensa-o, estimulando mais os centros nervosos da excitação (dopamina) que da gratificação (endorfina). Assim, o organismo fica sempre em tensão, em busca, em "stress", em dependência para uma

satisfação que não se consuma. Os freios inibitórios são afrouxados em busca desse prazer, até o ponto de consentir em atos que antes eram inadmissíveis e extremos: violência, tratamento degradante e humilhante, pedofilia, zoofilia, sexo grupal e muitas outras parafilias; que acarretam uma dessensibilização, conduzindo a problemas nos relacionamentos interpessoais, tanto sexuais – perda do apetite sexual, incapacidade de relacionar-se sem a pornografia, frigidez em ambos os sexos–, como laborais (abandono de função, demissões), familiares (separações, adultérios, violência doméstica) e comunitários (abusos e violência sexual). Muitos consumidores de pornografia afirmavam que se “preocupavam com a maneira que viam suas filhas, e outras garotas da idade delas (...) os efeitos reverberavam em dias de trabalho interrompidos, *hobbies* abandonados, vidas familiares perturbadas... é um sacrifício imenso”.

Os gastos públicos e privados para ajudar a tratar e acabar com esses comportamentos alterados são muito altos. Somente a colocação de filtros e softwares nos computadores, tablets e celulares não são eficazes completamente. Nesse sentido, os vários médicos e pesquisadores incentivam que mais e mais pessoas possam ter acesso a essas informações sobre os danos causados pela pornografia, bem como que cada entidade social (governo, escola, igreja, associações comunitárias), artistas, profissionais da educação e do *massmedia* possam colaborar para que menos pessoas possam sofrer com as consequências decorrentes do acesso e adicção aos conteúdos pornográficos (que muitas vezes é ignorado ou desconhecido, mas que causa grandes males a toda a sociedade humana), quer seja por meio de legislação e políticas públicas, e incentivos econômicos, para impedir a disseminação desse material, a adoção de medidas que não propiciem um ambiente laboral favorável à pornografia e à exploração sexual; pela promoção de iniciativas de informação e terapia para tratar aqueles que já se encontram vítimas da pornografia.

Como demonstrado, a pornografia não é um prazer, nem muito menos inofensivo. A promoção de uma cultura que valorize a pessoa humana, com

uma visão profunda e integral da sua dignidade inalienável (decorrente do projeto de Deus de querer e amar o homem como sua imagem e semelhança), para o qual o exercício da sexualidade humana não é uma válvula de escape ou uma obrigação contratual, mas a expressão física do amor e da doação ao outro para a felicidade e realização humana mútua (que encontra sua expressão terrena na comunhão familiar e comunitária, e posteriormente na participação da vida divina com Deus no reino celeste).

Em consonância com as conclusões da presente obra, a redescoberta de uma moral das virtudes, que pela educação na castidade, nas virtudes humanas (cardeais) e teologais, educa e desenvolve no homem um organismo virtuoso que é capaz de identificar os comportamentos errados (como a pornografia), buscando os meios necessários para promover o respeito da pessoa do outro sem instrumentalizá-lo ou negá-lo como forma de afirmação e realização de si mesmo. O Catecismo da Igreja Católica (n. 2339) apresenta que o homem, exercitado na castidade, numa moral de virtudes, aprende a dominar-se a si mesmo exercitando retamente sua liberdade, de modo a não deixar-se dominar pelos desejos, encontrando a paz e a felicidade que tanto almeja.